

A ESTRATEGA DA MISSÃO

O legado espiritual e histórico de Pauline-Marie Jaricot ainda vive, especialmente nas Obras Missionárias Pontifícias e nos seus múltiplos generosos colaboradores. O acidente doméstico que a deixou quase paralisada e a morte da mãe durante o período da sua convalesça na província, podiam tê-la levado ao desespero. Mas, a fé acaba por ser a sua âncora. Ao escutar um sermão sobre os perigos e as ilusões da vaidade, do Padre Jean Würtz, na igreja de São Nizier, em Lyon, Pauline tem uma espécie de conversão. Confessa-se e começa uma nova vida de entrega a Jesus a quem quer servir. Pede perdão à sua família pelos seus maus exemplos e comunica-lhes a sua “resolução inabalável de renunciar aos prazeres e sentimentos deste mundo”. E pede-lhes: “Que nenhum de vós se preocupe com o meu futuro. A partir de agora Jesus Cristo será tudo para mim.”

Eis alguns aspectos da sua espiritualidade:

- **Dimensão mística e eucarística:** a participação na Eucaristia e a oração, especialmente, a recitação do Rosário, fê-la uma pessoa eucarística, ou seja, uma pessoa que se desprende de si mesma e imitou a doação de Jesus pela salvação dos outros. No santuário de Fourvière, na noite de Natal de 1816, Pauline pronunciou o seu voto de castidade perpétua. Tinha 17 anos de idade, e a partir daí nunca esmoreceu no seu empenho em favor dos outros, de perto e de longe.
- **A dimensão social:** após a sua conversão, Pauline é motivada por um único objectivo: fazer amizade com os mais pobres. Veste-se como eles e afasta-se das amigas que podem demovê-la dos seus propósitos. É entre os pobres que



Pauline se dá conta de quão longe o seu passado mundano a conduziu ao que agora vê como a encosta de uma vida de pecado, hipocrisia e escândalo de todo o tipo. Era o tempo da Revolução Industrial. Pauline conhecia a situação dos operários e queria montar uma “fábrica cristã” onde eles tivessem um salário, descanso e condições de vida dignas. Porém, é enganada e o projecto vai à falência. Pauline fica tremendamente endividada e é vilipendiada, mas vive o seu drama aos pés da cruz e nunca perde a fé no seu “divino Esposo”. Aprofunda a sua meditação sobre o mistério da cruz e não morre antes de ter saldado todas as dívidas. Encontra-se duas vezes com o Santo Cura d’Ars, São João-Maria Vianney. Há uma grande empatia entre os dois e rezam um pelo outro. Dela o Cura d’Ars disse: “Conheço alguém que tem muitas cruces, algumas muito pesadas e que as carrega com grande amor: é a menina Jaricot.” Pauline não busca o sofrimento, mas aceita-o, agradece por ele e vive-o na esperança.

- **A dimensão missionária universal:** O irmão de Pauline, Philéas, sonhava ser missionário na China e escreveu-lhe exortando-a

a criar entre os fiéis de Lyon uma obra para auxiliar as missões na Ásia. Pauline também alimentou o sonho de ir para as missões, como diz, “para cuidar dos doentes, colocar flores nas capelas, remendar a roupa e fazer ornamentos de altar.” Ela estava convencida de que era necessário rezar regularmente pelas missões e pelos missionários e ajudá-los. Em 1817, organizou as primeiras colectas para as missões, sem esquecer a dimensão da oração. Na Primavera de 1818, aos 19 anos de idade, lançou entre 200 jovens trabalhadoras a recolha de um cêntimo por semana para a Propagação da Fé. A 3 de Maio de 1822, foi fundada a Associação para a Propagação da Fé e Pauline identificou centenas de associados e líderes para recolher as colectas. Tudo é despejado num centro de recolha comum. As orações diárias e as ofertas semanais para as missões estavam interligadas. No Outono de 1819, este grande movimento missionário, baseado numa sólida espiritualidade, atravessou as fronteiras de França, embora o verdadeiro desenvolvimento tenha ocorrido após a fundação oficial em 1822. Muitas pessoas juntaram-se a este movimento, rezaram pelos missionários e pelo sucesso das suas missões e participaram na recolha de meios financeiros para apoiar as actividades missionárias. Deste modo, Pauline foi uma verdadeira estratega da missão. Nunca saiu de França, mas foi uma grande missionária ao lançar um movimento de solidariedade missionária que continua a apoiar o esforço de evangelização da Igreja nos quatro cantos do mundo.

Em resumo, a vida de Pauline, baseada numa forte espiritualidade eucarística, está inteiramente orientada para os pobres e a missão universal da Igreja. ✨

A missão do testemunho



Foto: Joao Fernandes

Na mensagem que o Papa Francisco enviou às Obras Missionárias Pontifícias reunidas em Assembleia Geral, em Lyon, afirma que “a conversão missionária da Igreja” significa “sair de si para proclamar com a vida o amor gratuito e salvífico de Deus por nós, todos chamados a ser irmãos e irmãs.”

Neste ano especial, reunistes-vos em Lyon, cidade natal das Obras Missionárias, onde será celebrada a beatificação de Pauline-Marie Jaricot, fundadora da Obra Pontifícia da Propagação da Fé. É o bicentenário da mesma, bem como o centenário da sua elevação, com a Obra da Sagrada Infância e a Obra de São Pedro Apóstolo, à categoria de “Pontifícia”. Mais tarde a elas acrescentou-se, também reconhecida por Pio XII, a União Missionária Pontifícia, que celebra o

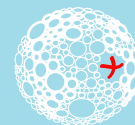
150º aniversário de nascimento do ser fundador, o Beato Paulo Manna.

Estes aniversários inserem-se na celebração do 400º aniversário da Congregação de *Propaganda Fide*, à qual as Obras Missionárias estão intimamente ligadas e com a qual colaboram na ajuda às Igrejas nos territórios confiados ao Dicasterio. Ele foi instituído para apoiar e coordenar a propagação do Evangelho em terras até então desconhecidas. Mas o impulso evangelizador nunca esmoreceu na Igreja e continua a ser sempre o seu dinamismo fundamental. Por isso, eu quis que também na renovada Cúria romana o Dicasterio para a Evangelização desempenhasse um papel especial, a fim de favorecer a **conversão missionária da Igreja** (cf. *Praedicate evangelium*, 2-3), que **não é proselitismo, mas testemunho**: sair de si para proclamar com a vida o amor gratuito

e salvífico de Deus por nós, todos chamados a ser irmãos e irmãs.

Portanto, marcastes encontro em Lyon porque ali, há 200 anos, uma jovem de 23 anos, Pauline Jaricot, teve a coragem de fundar uma Obra para apoiar a actividade missionária da Igreja; alguns anos mais tarde, deu vida ao “Rosário Vivo”, um organismo dedicado à oração e à partilha das oferendas. De família rica, ela morreu na pobreza: com a sua beatificação, a Igreja testemunha que ela soube acumular tesouros no Céu (cf. *Mt* 6, 19), tesouros que nascem da coragem do dom e revelam o segredo da vida: só doando-a a possuiremos, só perdendo-a a encontraremos (cf. *Mc* 8, 35).

Pauline Jaricot gostava de dizer que a Igreja é por sua natureza missionária (cf. *Ad gentes*, 2) e, portanto, **cada baptizado tem uma missão, aliás, é uma missão.**



Ajudar a viver esta consciência é o principal serviço das Obras Missionárias Pontifícias, um serviço que elas levam a cabo com o Papa e em nome do Papa. Este vínculo das OMP com o ministério petrino, estabelecido há cem anos, traduz-se em serviço concreto aos Bispos, às Igrejas particulares, a todo o Povo de Deus. Ao mesmo tempo tendes a tarefa de, segundo o Concílio (cf. *Ad gentes*, 38), ajudar os Bispos a abrir cada Igreja particular aos horizontes da Igreja universal.

Os jubileus que celebrais e a beatificação de Pauline Jaricot oferecem-me a ocasião para vos propor de novo três aspectos que, graças à acção do Espírito Santo, contribuíram em grande medida para a propagação do Evangelho na história das OMP.

Em primeiro lugar, a conversão missionária: a bondade da missão depende do caminho de saída de si mesmo, do desejo de não centrar a vida em si próprio, mas em Jesus, em Jesus que veio para servir e

não para ser servido (cf. *Mc* 10, 45). Neste sentido, Pauline Jaricot via a sua existência como uma resposta à misericórdia compassiva e terna de Deus: desde a juventude procurou identificar-se com o Seu Senhor, inclusive através dos sofrimentos suportados, com a finalidade de acender a chama do Seu amor em cada homem. Aí reside a nascente da missão, no ardor de uma fé que não se contenta e que, através da conversão, se faz imitação dia após dia, para canalizar a misericórdia de Deus pelas sendas do mundo.

Mas isto só é possível – segundo aspecto – através da oração, que é a primeira forma de missão (cf. *Mensagem às Obras Missionárias Pontifícias*, 20 de Maio de 2020). Não foi por acaso que Pauline uniu a Obra da Propagação da Fé ao Rosário Vivo, como que para reiterar que a missão começa com a oração e não pode realizar-se sem ela (cf. *Act* 13, 1-3). Sim, pois é o Espírito do Senhor que precede e permite todas as nossas boas obras: a Sua

graça tem sempre a primazia. Caso contrário, a missão tornar-se-ia um correr em vão.

Por fim, a consistência da caridade: com a rede de oração, Pauline deu vida a uma colecta de ofertas em vasta escala e de forma criativa, acompanhando-a com informações sobre a vida e as actividades dos missionários. O óbolo de tantas pessoas simples foi providencial para a história das missões.

Caros irmãos e irmãs que fazeis parte da Assembleia Geral das OMP, desejo que caminhéis no sulco traçado por esta grande missionária, deixando-vos inspirar pela sua fé concreta, pela sua coragem audaz e pela sua criatividade generosa. Por intercessão da Virgem Maria, Estrela da Evangelização, invoco sobre cada um de vós a bênção do Senhor e peço-vos, por favor, que rezeis por mim! ✦

Roma, São João de Latrão
12 de Maio de 2022
FRANCISCO



Foto: DR

A VIDA DE PAULINE JARICOT

Pauline Jaricot nasceu em Lyon, França, a 22 de Julho de 1799, numa família de industriais da seda ricos. Desde a sua infância, ela recebeu uma boa educação cristã. Depois de uma doença grave, e da morte de sua mãe em 1816 (durante a sua convalescença), Pauline foi tocada por um sermão na igreja de São Nizier e decidiu servir apenas a Deus e dedicar-se a tudo o que diz respeito à causa da fé. Fez então, em privado, o voto de castidade e adoptou o estilo de vida e o vestuário das mulheres trabalhadoras.

Graças ao seu irmão Philéas, a estudar no seminário de São Sulpice, em Paris, onde se preparava para ir como missionário para a China, Pauline foi informada sobre a situação crítica das missões. Ao dar a conhecer as necessidades dessas missões, Pauline procurava algo concreto, capaz de despertar o entusiasmo e o desenvolvimento a partir do interior: algo que pudesse inflamar todos os católicos e tornar-se uma verdadeira ajuda para todas as missões.

A sua ideia, que deveria ser concretizada de um modo apropriado, apareceu numa noite de Inverno do ano de 1819. Numa inspiração súbita, Pauline concebeu o seu plano: formar grupos de 10 pessoas, em que cada uma delas se comprometeria a formar um novo grupo de dez – organizando assim as dezenas em centenas, e as centenas em grupos de mil – cada um presidido por um líder de grupo; a todos os níveis, cada membro teria a obrigação de recitar uma oração diária e dar uma oferta semanal para as missões.

Foi assim que surgiu a Obra da Propagação da Fé. Os primeiros membros foram as trabalhadoras de uma fábrica gerida pelo cunhado de Pauline, que ela já tinha organizado numa associação espiritual sob o nome de “Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus”. A iniciativa teve um sucesso imediato e, em breve, Pauline estava à frente do primeiro



grupo de mil. O seu irmão Philéas encorajou-a: “Continua”, escreveu-lhe ele em 1818, “para propagar esta obra que Deus quis começar pelas tuas mãos e que será talvez um dia, a semente destinada a tornar-se uma grande árvore, cujos ramos cobrirão toda a terra com a sua sombra.”

O nome “Propagação da Fé” foi imediatamente adoptado. A obra foi rapidamente organizada: em 1821, já contava com cerca de dois mil membros. As ofertas recolhidas en-

tre Junho de 1821 e Maio de 1822 ascenderam a dois mil francos de ouro que foram doados à Sociedade das Missões Estrangeiras de Paris. Em Dezembro de 1822, o montante foi de 8.050 francos de ouro.

Em 3 de Maio de 1822, um grupo de sacerdotes e leigos reuniu-se em Lyon para estudar uma forma de cooperação missionária que não se limitasse às missões francesas, mas alargada a todo o mundo e aos missionários de todos os países. E depois de alguma hesitação, foi de-

AS OMP confirmadas no seu carisma e actividade

cidido adoptar a obra de Pauline Jaricot. O presidente da assembleia, Benoît Coste, declarou nessa ocasião: “Somos católicos, consequentemente, não devemos apoiar esta ou aquela missão em particular, mas todas as missões do mundo.”

O Rosário Vivo

Aos 26 anos de idade, Pauline Jaricot fundou o Rosário Vivo, uma obra de evangelização através da oração. Entre os associados haverá de tudo, os medíocres e os melhores, mas se em “15 brasas, apenas uma está acesa, duas ou três estão mal acesas, junte-as e terá um braseiro”, escreverá o jesuíta Henry Ramière a propósito desta obra. A ideia era reunir os fiéis ao redor do Rosário para meditar sobre um mistério do Evangelho, para que todo o Terço fosse recitado pelo grupo. Era uma forma de aprender a rezar e a fazer comunidade. Dez anos mais tarde, o Rosário Vivo tinha mais de um milhão de membros. Pauline Jaricot assegurou o desenvolvimento internacional da obra a partir da sua casa, na colina de Fourvière, em Lyon.

Outras obras de Pauline

O seu génio criativo levou-a a empreender outros projectos. “A minha vocação”, escreveu ela, “não é fixar-me de tal modo numa obra e esquecer tudo o resto... Quero permanecer livre para acudir onde as necessidades são maiores.”

As suas obras, sempre ao serviço da evangelização, são:

- a obra da boa imprensa (bibliotecas populares itinerantes: 1826)
- a Congregação das Filhas de Maria (1831);
- para evangelizar a classe trabalhadora, lança-se num projecto industrial em que foi vítima de vigaristas. Este amargo fracasso foi para Pauline um verdadeiro calvário ininterrupto até à sua morte, na miséria total, em 1862. ✚

“A beatificação de Pauline-Marie Jaricot é uma confirmação da importância do carisma da Obra de Propagação da Fé para a Igreja e sublinha a singularidade das Obras Missionárias Pontifícias (OMP). Não são agências de financiamento ou ONG, mas uma rede mundial presente em cada Igreja Local para fortalecer e dinamizar o espírito missionário no coração de todos os baptizados, convidando-os a dar apoio espiritual e material às Igrejas Locais em terras de missão. Neste ano jubilar é essencial recordar e honrar o que Pauline Jaricot ofereceu à Igreja em missão.” Estas são palavras do Padre Tadeusz Jan Nowak, OMI, Secretário-Geral da Obra de Propagação da Fé, na apresentação que fez à Assembleia Geral das OMP, em Lyon, de 16 a 23 de Maio.

“Este ano, o tema do Dia Mundial das Missões é “Sereis minhas testemunhas”. O Papa Francisco, reflectindo sobre este tema na sua mensagem, afirma que na tarefa de evangelização o exemplo de vida cristã e a proclamação de Cristo são inseparáveis. Um está ao serviço do outro. São os dois pulmões com que cada comunidade deve respirar se quiser ser missionária. Este tipo de testemunho pleno, consistente e alegre de Cristo será certamente uma força de atracção também para o crescimento da Igreja no terceiro milénio”, explicou o Padre Nowak. O missionário exortou assim todos “a recuperar a coragem, abertura e *parresia* dos primeiros cristãos, a dar testemunho de Cristo com palavras e actos, em todos os âmbitos da vida. O Santo Padre convidou todos os baptizados a empenharem-se na missão, mas as suas palavras são dirigidas de forma particular a todos nós que fomos nomeados principais servidores das Obras Missionárias Pontifícias no mundo”, recordou ele.

Falando do contexto actual, o Padre Nowak observou: “Somos chamados a servir a Santa Sé num momento muito difícil. A pande-



mia não terminou e continua a ter um efeito significativo na vida da Igreja. Ao mesmo tempo, muitos povos enfrentam guerras e violência que têm tido efeitos desastrosos na vida de famílias e indivíduos, bem como nas comunidades eclesiais na Ucrânia, no Myanmar e na Etiópia, para citar apenas alguns. O testemunho do espírito vivo de Pauline, presente nas OMP, permitiu-nos continuar a nossa missão, mesmo nestes momentos difíceis e complicados da história.” Neste quadro, “como instrumento de serviço, o nosso papel é coordenar os esforços de toda a comunidade eclesial na sua missão de promover a evangelização e apoiar as jovens Igrejas Locais.”

A crise é também uma oportunidade: “Esta crise”, comentou, “tornou muito claro que os nossos esforços para realizar o nosso carisma precisam de constante renovação, ousadia e perseverança. Já não podemos depender apenas do peditório do Dia Mundial das Missões para apoiar as missões. Devemos procurar novas e antigas formas de animar o espírito missionário e convidar os cristãos a apoiar as missões. Isto deve começar por encontrar novas formas de convidar os baptizados a orar e a reflectir sobre as necessidades missionárias da Igreja. Isto deve envolver os media e as redes sociais, mas também as formas tradicionais de pregação nas paróquias, formando círculos de oração, reflexão e caridade, como fez a nossa fundadora, Pauline Jaricot.”

{Agenzia Fides}

“O primeiro fósforo para acender o fogo”

Pauline-Marie Jaricot, a leiga francesa, fundadora da Obra da Propagação da Fé, que dedicou a sua vida aos pobres e a apoiar as missões foi beatificada.

A fundadora da Obra de Propagação da Fé, Pauline-Marie Jaricot (1799-1862), foi beatificada no dia 22 de Maio em Lyon, França. O milagre que levou à sua beatificação ocorreu há dez anos. Em Maio de 2012, Mayline, uma menina de apenas três anos e meio de idade, engasgou-se com uma salsicha, que se lhe atravessou na traqueia. Os pais pediram ajuda e os socorristas aplicaram-lhe a massagem cardíaca e a reanimação. Tinha tido múltiplas paragens cardiorrespiratórias e estava com anoxia cerebral (uma condição caracterizada pela falta de oxigénio no cérebro, o que pode levar à morte de neurónios e resultar em danos cerebrais irreversíveis). O primeiro diagnóstico do seu estado de saúde feito pelo médico da ambulância foi: Mayline estava no nível 3 da escala de Glasgow (ou seja, em coma).

No hospital, disseram-lhes que «o estado neurológico era irreversível e que a morte era iminente». Nos dias que se seguiram, o veredicto não melhorou. Após uma TAC, os médicos disseram aos pais que teria pouco tempo de vida e, mesmo que visesse, não viria a falar ou a caminhar. O médico encarregado do departamento para onde foi transferida foi claro: a onda N20, que viaja através dos núcleos cinzentos da base e permite ao cérebro transmitir informação ao resto do corpo, o que determina se um paciente vai viver ou morrer, no caso do Mayline não estava presente de um lado do cérebro e muito pouco permaneceu do lado oposto: ela só podia piorar e nunca mais voltaria a ser como era antes.

Quinze dias após o acidente, os pais da escola da Mayline decidiram fazer uma novena à Venerável Pauline Jaricot: a diocese de Lyon, local



Foto: José Rebelo

Mayline (1ª da Esq.), a miraculada por intercessão de Pauline Jaricot, com os pais e a irmã.

de nascimento da venerável, estava a celebrar o 150.º aniversário do nascimento desta mulher que deu a conhecer aos seus conterrâneos a importância da missão da Igreja no mundo. A novena terminou no dia 23 de Junho. A Mayline estava em coma, com ventilação e alimentação artificial. Um tratamento de estimulação cardíaca causou uma embolia pulmonar e fortes convulsões. Os médicos decidiram então parar o tratamento, enquanto os pais da menina queriam que ela continuasse a ser alimentada artificialmente. No início de Julho, Mayline foi transferida para o Hospital Pediátrico de Nice. Antes de ser transferida, recebeu a Unção dos Doentes e os pais já pensavam onde enterrá-la. Embora estivesse em estado vegetativo e o seu estado cerebral estivesse gravemente debilitado, ela suportou a viagem. Quando a viram novamente em Nice, os seus pais tiveram a impressão de que algo tinha mudado. Parecia que estava a voltar à vida. Os médicos confirmaram esta percepção, mas mantinham-na

com prognóstico reservado. Uma semana depois, a criança voltou finalmente à vida e acaba por ter alta hospitalar em vésperas de Natal.

O inquérito diocesano para a sua beatificação decorreu de 20 de Julho de 2018 a 28 de Fevereiro de 2019, antes de transitar para a Congregação para a Causa dos Santos. A comissão médica, na sua sessão de 19 de Setembro de 2019, declarou que a cura tinha sido «rápida, perfeita e constante, assim como inexplicável de acordo com as leis da ciência». Os consultores teológicos (a 17 de Dezembro de 2019), depois os cardeais e bispos (a 5 de Maio de 2020) consideraram que se tratou de um milagre.

Paixão pela missão

A beata Pauline Jaricot foi uma leiga que dedicou a sua vida aos pobres e a apoiar as missões. Nasceu em Lyon, a 22 de Julho de 1799. Desde pequena que ouviu falar do trabalho dos missionários e quando o seu irmão Philéas se tornou seminarista

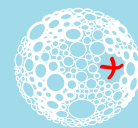


Foto: DR

para ir trabalhar na China, ela enamorou-se ainda mais da missão e queria acompanhá-lo. Depois de recuperar de um acidente doméstico aos 15 anos – queda de um escadote que abalou gravemente o seu sistema nervoso, afectando-lhe os movimentos dos membros e a fala – e a morte da mãe, Pauline decidiu dedicar-se a iniciativas de apoio ao trabalho de evangelização da Igreja. Fundou a Sociedade para a Propagação da Fé (com o objectivo de rezar e recolher fundos para as missões), o “Rosário Vivo” e as “Filhas de Maria”, consagradas sem hábito religioso, inteiramente dedicadas ao trabalho de divulgação da fé. Pauline morreu – na miséria – em Lyon a 9 de Janeiro de 1862. Disse de si que era «o primeiro fósforo para acender o fogo» da missão – um fogo que, passados duzentos anos, ainda arde em todos os que, com a sua fé, oração e ajuda contribuem para a missão universal da Igreja. ✨



Foto: DR

Relíquias da Beata Pauline Jaricot, apresentadas na celebração da Eucaristia de Beatificação, no dia 22 de Maio de 2022, em Lyon, França.

A Infância e Adolescência Missionária viveu uma



Centenas de crianças participaram no dia 10 de Junho, na Primeira Peregrinação Nacional da Infância e Adolescência Missionária ao Santuário de Fátima e viveram uma experiência de abertura à universalidade e solidariedade com as “crianças mais vulneráveis”.

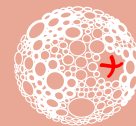
Para o padre José Rebelo, director das Obras Missionárias Pontifícias (OMP), que promoveu o encontro no dia da Peregrinação das Crianças ao Santuário de Fátima, falar de missão é uma oportunidade para conhecer o mundo e sentir-se solidário. “Que eles se abram à

universalidade, conheçam o mundo, alarguem o espaço do coração e se sintam solidários com as crianças mais vulneráveis, as crianças pobres do mundo inteiro”, desejou o missionário comboniano, em declarações à Agência Ecclesia.

A Peregrinação Nacional da Infância e Adolescência Missionária ao Santuário de Fátima acontece ao fim de cinco anos de actividades missionárias propostas às paróquias e foram uma oportunidade de crescimento e de conhecimento dos “continentes e das necessidades do mundo”.

A infância missionária gera “uma dinâmica interessante de envolvimento das famílias”, que resulta no crescimento de todos, disse o padre José Rebelo. “É a família toda que acaba por crescer na abertura missionária, porque as crianças são fundamentais, têm uma vocação e papel importante dentro da família: acabam por levar os pais e todos acabam por crescer”, afirmou.

O padre Pedro Barros, da Diocese de Aveiro, criou grupos de Infância Missionária nas paróquias que lhe foram confiadas e disse que a sensibilização para pensar nas



experiência de universalidade em Fátima



Fotos: João Fernandes

“crianças que não têm tantas possibilidades foi espontânea e fácil”. “A comunidade achou engraçada a dinâmica das crianças se empenharem por algo mais do que é comunidade em si”, afirmou o padre Pedro Barros sobre a participação de famílias como Vânia, Paulo e a filha Joana Neto, que fazem parte dos grupos de infância missionária, em Aveiro, e participaram na peregrinação a Fátima.

Para Sara Poças, coordenadora do Centro Missionário da Arquidiocese de Braga, a activação de grupos de infância missionária

é de uma “importância extrema”, porque “vão ser os futuros missionários”: “Quando se começa a trabalhar a infância missionária desde pequenos, tornam-se adolescentes missionários, jovens missionários e esperamos que adultos missionários”, disse em declarações à Agência ECCLESIA.

O padre José Rebelo referiu que os grupos de infância missionária ainda não são uma “realidade em todas as dioceses” de Portugal, desejando que se estendam a todo o país. “O nosso sonho é que as dinâmicas missionárias comecem a

ser trabalhadas nos grupos de catequese. Porque esta é a natureza da Igreja: ou é missionária ou não é Igreja”, afirmou.

Os grupos da Infância Missionária participaram na oração do Terço e na celebração da Eucaristia; durante a tarde, o programa da Peregrinação da Infância Missionária promoveu “a relação entre todas as crianças e seus familiares” das várias dioceses onde está implementada, com “jogos e animação”, no Seminário dos Missionários da Consolata, em Fátima. ✦

{Agência Ecclesia}

A MISSÃO é divertida

“Demasiada água benta!”

Há alguns anos, uma chamada telefónica abalou a minha pacata vida: “Padre”, disse a voz do outro lado da linha, “sou um armador italiano. Acabo de comprar um navio aqui na Coreia do Sul. Desejo de todo o coração que fosse benzido. Gostaria de lhe pedir que viesse fazer esse ritual.” “O porto é longe daqui e tenho muito trabalho com os sem-abrigo”, respondi sem hesitar. “Não se preocupe, Padre! Eu pago-lhe o bilhete de avião para que não perca muito tempo”, retorquiu o empresário. Continuei a resistir: “Estou muito ocupado com os pobres.” Aumentou a parada: “Vou dar-lhe um bom donativo para apoiar a sua missão.” As palavras “bom donativo” fizeram-me cócegas nos ouvidos, dadas as dificuldades económicas que estava a sentir. Mas levantar-me cedo, apanhar o avião e ficar fora dois dias pareceu-me demasiado: “É difícil, tenho compromissos inadiáveis com os rapazes de rua... não tenho tempo.” “Padre”, insistiu ele, “a bênção de um padre é muito importante para mim. Para não o fazer perder tempo, mando-o buscar de helicóptero ao aeroporto e depois levar, para que possa regressar a casa nesse mesmo dia.” Ele tinha acabado de usar um argumento persuasivo. Voar de helicóptero tinha sido sempre um sonho meu. Esqueci-me dos meus deveres com os rapazes e os sem-abrigo e apressei-me a responder: “OK, eu vou.”

Na data marcada para a cerimónia, embarquei no avião e aterrei em Busan de manhã ainda cedo. Um cavalheiro elegante de fato com blazer cruzado estava à minha espera. Caminhámos algumas centenas de metros e conduziu-me a um helicóptero bimotor AW139 com os rotores já a funcionar. Antes de entrar, parei e fiquei encantado com a máquina nas suas cores brilhantes.

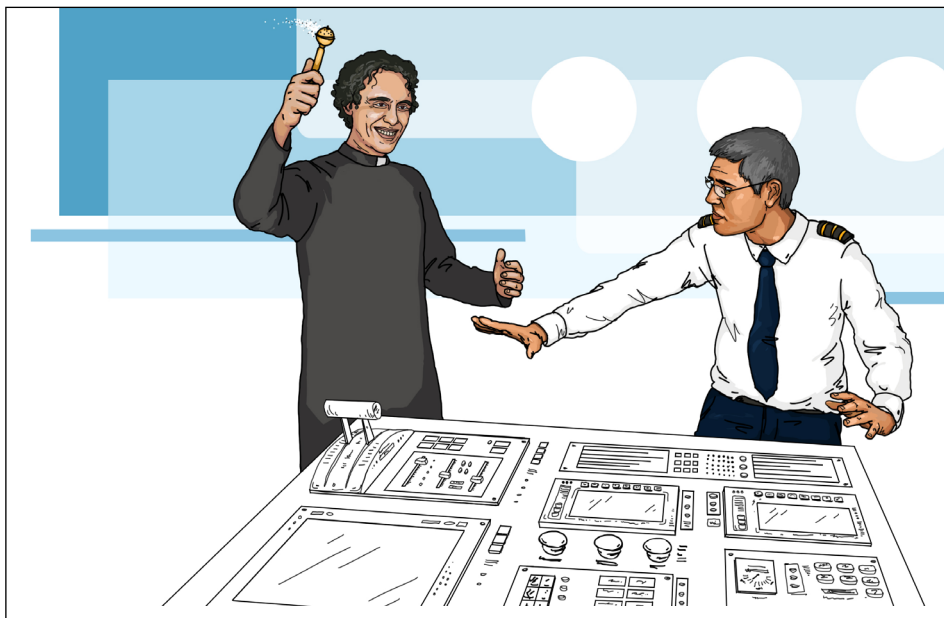


Ilustração: Ana Romão

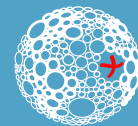
Toquei-a com gentileza, mesmo com devoção. Disse a mim mesmo: “É de facto um helicóptero e estou prestes a embarcar nele!” O meu ritmo cardíaco aumentou. Quase por magia, o aparelho descolou e voou de modo livre e elegante, para minha grande emoção. Aterrou numa praça em frente de um superpetroleiro, com 220 metros de comprimento e 150 000 toneladas de peso. Senti-me como Alice no País das Maravilhas! Tudo parecia ser um conto de fadas!...

A celebração começou com o hino nacional italiano. Ao ouvir as notas, senti alegria e orgulho. Tinha estado longe da minha querida Itália por muito tempo. Depois houve a cerimónia oficial, o baptismo e o lançamento do navio com uma garrafa de champanhe a ser esmagada na proa e uma exibição de fogo-de-artifício! Seguiu-se uma grande festa. Depois subimos a bordo do navio e o capitão, orgulhoso da sua jóia, explicou todas as características do navio e do seu equipamento electrónico altamente sofisticado – antenas parabólicas, rádio-telefone VHF & UHF, computadores, internet... – e

acrescentou: “Uma vez que este gigante dos mares é operado apenas por computadores, radares e GPS, são necessárias apenas duas pessoas para o navegar. O trabalho do capitão é apenas garantir que não surjam problemas imprevistos.” Esta montanha de ferro é um robô perfeito que sabe como deslocar-se no imenso oceano.

Após o breve *briefing*, o primeiro oficial anunciou que estava na altura de o padre benzer a sala de comando. Era a minha vez de entrar em cena. Senti-me orgulhoso do que ia fazer: “Eu, Padre Vincenzo, em nome do Senhor, vou abençoar este fantástico navio!” Vesti as minhas vestes litúrgicas, rezei as devidas orações e fui aspergir o convés com tanto entusiasmo e fé que derramei rios de água benta sobre os convidados e sobre o navio. Senti-me como um semideus a dar uma alma àquele colosso frio. Senti-me feliz e satisfeito comigo mesmo.

O capitão aproximou-se com cara franzida e disse: “Padre, tudo o que vê aqui são os últimos avanços tecnológicos que custaram milhões de euros. Com todo



o respeito pela sua água benta, se alguma gota dela caiu sobre estes dispositivos electrónicos, poderá ter causado milhões de euros em danos. Não discuto a importância da água benta, mas eu, pessoalmente, confio mais nestes aparelhos de alta precisão do que na sua pomposa bênção. Se houver uma próxima vez, por favor tente ser mais cauteloso ao aspergir o posto de comando de um navio.”

Aquelas palavras fizeram-me sentir mal. Senti-me esmagado por um tsunami devastador. Para mim, a bênção era um sinal do poder de Deus que estava a ser derramado sobre o navio para a sua protecção enquanto que para o capitão era apenas uma fonte de preocupação e ansiedade. Reflectindo sobre essa experiência, percebi que a água benta é apenas um sinal – como muitos outros – que pode já não ter grande significado para muitas pessoas. Os sinais que elas mais apreciam é o nosso compromisso com os pobres. Fiquei, contudo, aliviado por não ter danificado o navio. ✚

Padre Vincenzo Bordo, Missionário Oblato de Maria Imaculada (OMI). O Padre Vincenzo é um OMI italiano que tem servido os pobres sul-coreanos por mais de 30 anos. Vive em Suwon, uma cidade na periferia de Seul.



CONGRESSO MISSIONÁRIO FRATERNIDADE SEM FRONTEIRAS

14 de outubro de 2022

Fraternidade sem Fronteiras e o Documento de Abu Dhabi
Cardeal Miguel Ángel Ayuso Guixot

A Fraternidade na Cultura do Diálogo
Professora Maria Isabel Capeloa Gil

A Fraternidade na Política, na Economia e no Modelo Social
Dr. Guilherme d'Oliveira Martins

Perspetivas da Fraternidade sem Fronteiras
Painel 1

Islamismo - Khalid Jamal
Judaísmo - Isaac Assor
Cristianismo - Pedro Gil
Moderador - Henrique Mota

15 de outubro de 2022

Fraternidade e Missão
D. José Ornelas Carvalho

Fraternidade no Diálogo Intercultural e Inter-religioso
Dra. Diana de Vallescar Palanca

A Fraternidade e a Reconstrução da Esperança
Cardeal José Tolentino Mendonça

Perspetivas da Fraternidade sem Fronteiras
Painel 2

Hinduísmo - Shiv Kumar Singh
Budismo - Paulo Borges
Catolicismo - Pedro Vaz Patto
Moderador - Adelino Ascenso

Como ajudar a Igreja Universal através das OMP?

O nosso número de conta, NIB e IBAN, para a transferência de fundos é o seguinte:

Obra da Propagação da Fé
Banco Millennium-BCP

Nº Conta: 23521434

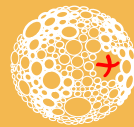
NIB: 0033 0000 0002 3521 434 05

IBAN: PT 50 0033 0000 0002 3521 434 05

Agradecemos que os doadores nos contactem para nos darem o seu NIF e direcção, de modo a que possamos mandar-lhes o recibo para efeitos de IRS.

As Obras Missionárias Pontifícias são uma rede de oração, solidariedade e partilha com a Igreja Missionária.

Muito obrigado a todos os que nos enviam os seus donativos, para estas obras. Todos os dias, às 5 horas da tarde, na Basílica de S. Pedro, em Roma, é rezada uma Eucaristia pelas intenções dos colaboradores das Obras Missionárias Pontifícias.



Congresso Missionário

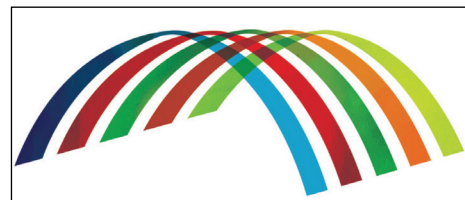
Fraternidade sem fronteiras

1. As grandes proporções do fenómeno migratório e a multiculturalidade daí resultante conduziram o mundo do terceiro milénio a novos desafios no que diz respeito à urgência da construção de pontes e do derrube de fronteiras que impeçam a fraternidade. A questão essencial com que nos deparamos é o *como*: aprender *como* viver juntos, *como* respeitar o outro, *como* dialogar com o diferente e *como*

escutar o seu coração. É-nos exigido um esforço de atenção em três blocos prioritários de diálogo, que se apresentam com ramificações e matizes enriquecedoras: com as religiões, com os indiferentes e com a cultura.

2. No encontro com a imensa variedade de religiões, deve adoptar-se sempre «a cultura do diálogo como caminho; a colaboração como conduta; o conhecimento mútuo como método e critério» (Papa Francisco, Carta encíclica *Fratelli Tutti*, 285). Tal cultura do diálogo deve ser feita na «sinceridade de coração», na «coragem da diferença» e na «preservação da identidade» sem ambições – mais ou menos veladas – de converter o outro e sem se cair na cilada do sincretismo imaturo. Relativamente ao diálogo com os indiferentes, requer-se uma abordagem antropológica, lavrando o solo da dimensão pré-religiosa da nossa humanidade, aquele terreno prévio a qualquer nomenclatura religiosa, onde o ser humano se depara com elementos primordiais e comuns, tais como sofrimento, sentido da existência, traição, sede de amor. Finalmente, a valorização da cultura e das suas diversas manifestações apresenta-se como um manancial de interioridade e um apelo à busca de novas linguagens, procurando os sinais de transcendência aí ocultos.

3. São estas as linhas de força que nos impulsionaram à realização de um Congresso Missionário com o tema genérico de *Fraternidade sem fronteiras*. Em tal evento de dois dias, gostaríamos de tomar o Documento de Abu Dhabi como ponto de partida, peregrinando pela fraternidade na cultura do diálogo, na política, na economia, no modelo social, na missão, no diálogo intercultural e inter-religioso, e desaguando no papel da fraternidade na reconstrução da esperança, perspetivando a



fraternidade sem fronteiras, numa série de seis conferências individuais e dois painéis inter-religiosos.

4. O verdadeiro encontro e o diálogo genuíno entre culturas e religiões têm como esteira comum o encontro e o diálogo entre pessoas concretas. Alimentados por esta convicção, desejamos alentar-nos mutuamente a aprofundarmos o nosso conhecimento mútuo e a nossa relação, em vista a uma colaboração fraterna entre diferentes, acreditando que «é juntos que se constroem os sonhos» (FT 8). ✦

{P. Adelino Ascenso, Superior Geral dos Missionários da Boa Nova, Comissão Executiva}

O Congresso Missionário será nos dias 14-15 de Outubro, em Lisboa (no Auditório Cardeal de Medeiros, da Universidade Católica Portuguesa, na Rua Palma de Cima, 1649-023 Lisboa).

Digitalize o código QR para proceder à inscrição *online*.



FICHA TÉCNICA

DIRECTOR

P. José António Mendes Rebelo

MISSÃOZINHA OMP

Anna Kudelska

PROPRIEDADE E EDIÇÃO

Direcção Nacional de Propagação da Fé

SEDE, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Ilha do Príncipe, 19

1170-182 LISBOA

Tlf: (+351) 21 814 84 28

Email: missao.omp@netcabo.pt

NIPC: 501132619

Homepage: www.opf.pt

ESTATUTO EDITORIAL

<https://www.opf.pt/missao-omp>

Depósito Legal N° 192499/03

NIPC 501 132 619 - I.S.S.N. - 1647 - 9203

Registo na ERC n° 104247

TIRAGEM: PDF para web

FOTOGRAFIA:

José Rebelo; João Fernandes; Arquivo OMP



Associação de Imprensa de Inspiração Cristã

